

EDITORIAS / OPINIÃO

# Aviões, satélites e urubus

17 de Março de 2009

Passado um ano e meio após o acidente com o Boeing da GOL no Mato Grosso, um ano do blackout promovido pelos controladores de tráfego aéreo, e oito meses depois do acidente da TAM em Congonhas, a Agência Nacional de Aviação Civil, Anac, anunciou o fim do “Apagão Aéreo”. Assim, o problema do contingenciamento de verbas para o setor de controle de tráfego aéreo que se estendia há mais de seis anos, bem como a falta de investimentos na infraestrutura aeroportuária nacional, que não constata a construção de um grande aeroporto há vinte e um anos, também se resolveram.

Nossa malha aeroviária, que afunila oitenta por cento de todo o fluxo de aeronaves comerciais de grande porte em dez por cento de nossos aeroportos, foi totalmente revista, e foram contratados e treinados controladores de tráfego aéreo suficientes para lidar com o espaço aéreo de 22 milhões de quilômetros quadrados sob a responsabilidade do Brasil, sendo que em menos de dois anos, todos estão falando o inglês segundo os padrões mínimos da Organização da Aviação Civil Internacional (Oaci), eliminando uma deficiência que atingia 97% da categoria até 2006.

Para esses profissionais, foi acertado um novo plano de carreira, garantindo um incremento considerável em seus soldos e salários, ademais do remanejamento das folgas entre os turnos de serviço (que foram ampliadas), além de outros benefícios, o que vem estimulando os jovens a buscar essa estratégica profissão.

E é claro, novos equipamentos de radares e de sistema de pouso por instrumento foram adquiridos, as pistas em uso nos aeroportos foram reformadas e ampliadas, ocorrendo o mesmo com seus sistemas de balizamento e áreas de escape, e todos os aterros sanitários foram transferidos para 25 km de distância dos aeródromos, fazendo com que a ameaça aviária (especialmente os urubus), praticamente deixasse de existir.

Por fim, o Sistema de Vigilância da Amazônia, Sivam, está 100% operacional, e o Brasil está cumprindo à risca o cronograma da Oaci para a instalação do sistema CNS/ATM (Comunicações, Navegação, Vigilância/Gestão de Tráfego Aéreo), que utiliza recursos de gestão de voo apoiados em satélites de comunicações, incorporando a tecnologia de dados GPS (Satélites de Posicionamento Global), que substituirão os radares em terra na função de controle do tráfego aéreo.

No entanto, entre tantas boas-novas, escuto um bip intermitente, que termina por me acordar. Foi mais um sonho, e logo me deparo com uma realidade que traz números amargos para quem precisa da aviação para trabalhar ou viajar: no ano de 2008, o Departamento de Controle do Espaço Aéreo, Decea, contará com um orçamento de R\$ 580 milhões, ao passo que em 2006, ano do acidente da GOL, o mesmo órgão dispôs de R\$ 530 milhões. Isso denota que os investimentos tão prometidos para o setor ainda não aconteceram e que a trégua em nossos sítios aeroportuários é apenas aparente, pois a falta crônica de repasses e o persistente contingenciamento de recursos seguem ameaçando um eficaz e seguro sistema de controle de tráfego aéreo, que administra por ano mais de três milhões e trezentas mil operações entre pousos, decolagens, toques, arremetidas e sobrevôos, e que vem crescendo 8% anualmente.

Diante desse quadro, resta atentar que a solução decisiva para o problema da falta de investimentos no campo aeronáutico não está apenas em Brasília, mas sim, nas mãos da sociedade que, aos poucos, vem percebendo a grandeza e a importância da aviação para nosso País. Contudo, se a mesma seguir lembrando da aviação quando esta falha ou quando lhe inflige alguma tragédia, terminaremos por aceitar o caos como regra, o que implica, além do risco de ficar à margem de seu desenvolvimento, ter de arcar o custo global de perder a posição de liderança em um setor que leva o desenvolvimento da humanidade em suas asas.

Georges de Moura Ferreira é aviador, advogado, escritor, doutorando em Ciências Políticas, professor de Direito Aeronáutico Internacional e Internacional Público, pesquisador da Universidade Católica de Goiás e conferencista da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Delegacia de Goiás